

I PARTE

As costas pesam, os ossos fraquejam, a garganta não engole, os dedos tremem. A música ainda dança no corpo que não se move. Durante a noite, os sonhos assustam-na. Os olhos abrem-se e procuram reconhecer o espaço, enquanto as mãos apertam os cobertores quentes, como o recém-nascido que se perde da mãe.

As cortinas não podem ser abertas. Jamais. A mama quente da mãe não lhe pode fugir até que se sacie, mas as mãos assustadas arrancam o seio da sua cara deixando os cobertores espalhados no colchão. Levanta-se, volta-se para trás e, quando sente o calor do seio que chega até si, lança-se para ele, embrulha-se e empurra a cara para o fundo. Sente que o seio se inquieta. Com rancor volta a afastá-lo e os pés pisam o chão frio. O corpo está gelado. Amamenta-se, envolvendo o corpo com os braços até que as mãos se encontrem atrás das costas. As mãos substituem o peito perdido na cama. Depois é o banho quente.

— Lava-me a cabeça.

— Lava-me a cabeça...

O masoquismo de afastar as cortinas. A merda das cortinas! Aperta-se contra a alcatifa do quarto em forma de feto. Quando já é tarde para lhes ceder, as lágrimas começam a chegar. Levanta-se.

Finanças? Não. Ver o mar. É triste. Antes as Finanças. O homem apodera-se do meu lugar para o carro.

Merda de pessoas. Tiram um bocadinho da tarde para tratar daquele assunto e preenchem papéis com ar de quem não pensa. Voltam para o trabalho a correr. Sentem calor. Vão buscar os filhos ao fim da tarde e dizem que «o dia foi de loucos». Jantam e riem com a anedota do mais novo. Varrem o chão a assobiar, a resmungar, ou o caraças, mas não se apertam contra a alcatifa. Bestas da felicidade. Odeio-os por desgosto. Porque não aspiro a alcatifa, ponho um baton e vou às finanças? Porque nem sei para que lá vou. Parece que os outros têm futuro todos os dias! Não sei como...

— Lava-me a cabeça.

Não queres. Estás farto. Amas-me? Vais deixar-me?

Se me amas estás doente, porque eu não sou nada. Juro que não te faço feliz. Se gostas de mim, és estúpido porque tenho de te pedir que me laves a cabeça e tu não a secas.

Por favor, despe-me e olha para mim. Olha enternecido. Toca-me. Faz-me sentir amada. Não vás trabalhar. Fica a olhar-me enquanto me aqueces o chá.

— Não vás! Sopra. Está quente.

Voltas. Sopras até que eu consiga beber. Vais. Mas eu quero que me vejas bebê-lo. Que te enterneças.

A porta bate. Só voltas tarde.

Toca o telefone. És tu.

— Sim, estou bem.

— Não, não preciso de nada.

— Está a correr-te bem o dia?

Desligo com a pressa suficiente para que te sintas magoado, culpado. Chegas, dás-me um beijo e provavelmente pensas que a minha voz fria de horas atrás não tem a ver contigo, mas com o meu estado. Até as minhas respostas podem ter-te aliviado. Pensas que estou mais forte? Ah, Ah...

— Deixa, faço eu o jantar.

Vou até à cozinha. Vês as notícias, já esquecido. Faço um mau jantar porque a água dos olhos pouco me deixa ver. Tenho vontade de me encostar a um canto e chorar tão alto que venhas ter comigo, me leves ao colo e me faças festas na testa. Queria agarrar-me às tuas pernas e encharcá-las. Queria lá deixar todos os monstros que tenho, todo o monstro que sou.

— Já está querido, acho que pus sal a mais. Desculpa. Demorei? Não estava concentrada.

Dei-te o sinal. Não reagiste. Lá estou eu a procurar seios onde não existem.

Antes de adormecer choro baixinho para que não ouças, mas na esperança que procures os meus olhos.

Os olhos abrem-se. Começo a lembrar-me do sonho.
Andava pela rua com a minha mãe. Talvez nas compras de Natal.

Parámos em frente de um prédio escuro, com cheiro a pessoas antigas. Travou-nos o choro de uma criança que estava de pé num dos degraus da escada que pertencia ao prédio. Era uma bonita menina de cabelo negro cortado à rapaz. Devia ter dois anos de idade. O seu choro silencioso era desesperado e foi claro que ainda não sabia falar. Como é que uma criança assim pequenina podia ser tão explícita?

Quando nos aproximámos, acolheu logo o nosso abraço. Senti ser uma criança mais sábia do que eu, como aquelas que sorriem e nos pedem dinheiro enquanto o pai vai tocando acordeão. Fez sinais para a levarmos conosco. Quando pensámos estar perdida dos pais, as escadas transformaram-se na montra de uma deprimente loja indiana que entre outras coisas, vendia crianças. Quanto custaria esta? Parece-me que dez contos. Dentro de uma vitrine estavam mais à venda, curiosamente enroladas em folha de tabaco. Na altura estranhei como podiam existir crianças tão pequenas, envolvidas naquele formato e com mais procura do que a nossa. Por baixo desta, encontrava-se uma etiqueta onde se podia ler: «Lésbico». Não percebemos. Pensámos comprá-la. Tentei provar à minha mãe que podia ser bom para nós três, prometendo que tomaria conta dela, embora intimamente achasse que talvez não estivesse preparada para ser «mãe». Lembro-me de ter pensado na imensidão de amor que ela necessitaria. Talvez por isso a quisesse tanto. Queria salvá-la, como quem encontra um pássaro ferido e se alegra em tratá-lo, sentido-se a única pessoa capaz de o salvar.

Por detrás da montra, antes escada, estava um balcão sujo onde uma mulher atendia os clientes com sa-

crifício. Era ajudada pelo marido que aparecia esporadicamente atrás do balcão, passando o resto do tempo nas traseiras, onde eu imaginava estarem caixotes e facturas.

A minha mãe, que procurava o dinheiro na bolsa para pagar, ouviu da dona da loja um comentário seco e preciso: «— Eu passo a avisar que essa criança tem treze anos e não vai mudar nem crescer mais. Além disso é um rapaz e homossexual. Não aceitamos devoluções: se é para ir, vai mesmo.» — Falou com um rancor que nos fez advinhar o cansaço das sucessivas idas e vindas do estranho jovem.

Ouvi aflita. Como não podia crescer? Tornar-se-ia um homem e continuaria com aquele tamanho e com aquela cara? Que horror! Ainda por cima homossexual! E quando desejasse alguém? Ninguém o queria. Olhei-o perturbada. Como ia ser dali para a frente? Tive medo. Mantinha-se no entanto o fascínio, do ser sempre meu e sempre pequenino.

O sonho acabou antes de eu poder levá-lo para brincarmos. Foi pena...

Os cobertores. As cortinas. O banho. («— Não quero que me laves a cabeça.») A alcatifa. O carro. O telefone-ma.

Peço que não me laves a cabeça e não lavas mesmo? Pensas que é porque estou melhor? Estou pior! E tu não tens seios! Inútil.

— Obrigada pelo jantar, querido. Estava muito bom.